

SAÚDE

RIO

SAÚDE

Uma doença crônica

Caos em hospitais públicos já levou Ministério Público a abrir 300 inquéritos

Vera Araújo

Daqui a uma semana, o marceneiro Francisco Rodrigues do Nascimento, de 59 anos, completa cinco meses de internação no Hospital Estadual Albert Schweitzer, em Realengo, na Zona Oeste, por causa de uma fratura no fêmur esquerdo. Antes de ocupar o quarto 916, leito 1, seu novo endereço, ele passou quase um mês numa fila de macas que se amontoam no corredor da emergência, com pacientes à espera de uma vaga no setor de cirurgia. O dia-a-dia do Albert Schweitzer, cujo número de atendimentos é o dobro da sua capacidade, não é diferente do quadro encontrado em unidades da rede federal, como o Hospital Geral de Bonsucesso, e do município, como o Hospital do Andaraí.

Os hospitais estaduais e municipais têm sido alvos do Ministério Público do estado em 18 ações civis públicas e 300 inquéritos desde 2001, sendo que o Albert Schweitzer e o Andaraí ocupam posições de destaque na lista das piores unidades públicas. As denúncias incluem falta de dipirona (analgésico básico), de equipamentos, más condições das salas de cirurgia e ausência de pessoal especializado.

Um dos itens que mais chamam a atenção é o reduzido número de leitos cirúrgicos, que transforma as emergências em salões com filas de macas, onde médicos, enfermeiras e auxiliares de enfermagem têm dificuldades até de se locomover para prestar atendimento. São pacientes que aguardam uma vaga no quarto e a hora de serem operados. É uma espera que pode levar meses.

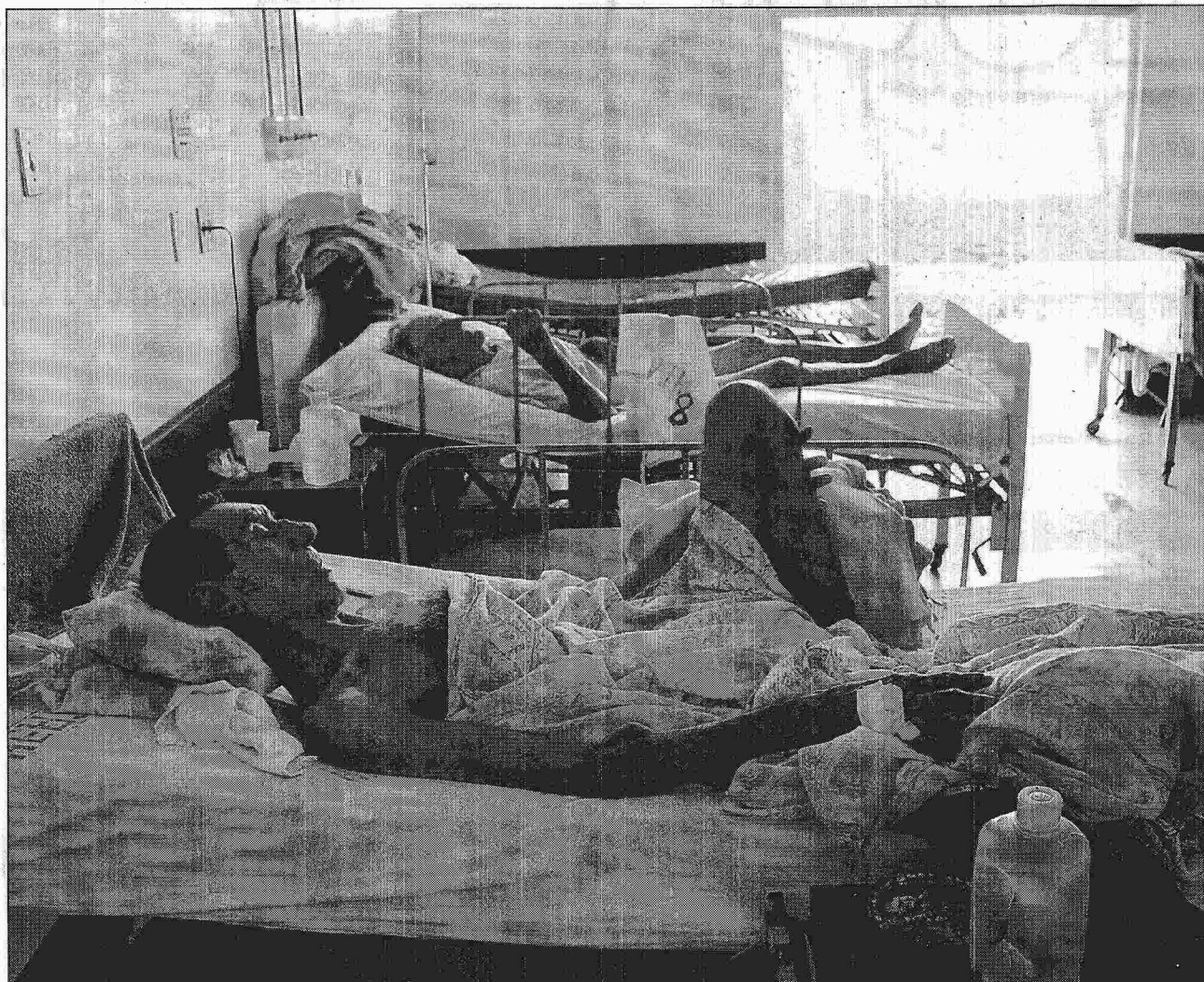
Liminar manda abastecer hospital

Na sexta-feira passada, a promotora Gláucia Santana, da Promotoria de Justiça de Tutela Coletiva da Cidadania, entregou ao Tribunal de Justiça memoriais (informações repassadas aos juízes fora dos autos) sobre as condições de funcionamento do Hospital do Andaraí. O objetivo é, caso o município recorra, deixar o tribunal bem informado sobre a importância de não cassar a liminar concedida pela 9ª Vara de Fazenda Pública, dando prazo de cinco dias à prefeitura para abastecer a unidade com material suficiente para o centro cirúrgico, esvaziando assim a emergência.

Além disso, a Justiça determinou que o município faça obras no centro cirúrgico e apresente o cronograma dos trabalhos. O município também terá que apresentar uma proposta para custear, na rede privada conveniada com o Sistema Único de Saúde (SUS), o tratamento de pacientes à espera de cirurgia, caso as obras não sejam concluídas dentro do cronograma.

O prazo fixado pela liminar termina amanhã.

— A situação da rede pública de saúde é absurdamente precária. A fila de espera para uma cirurgia é crônica em praticamente todos os



FRANCISCO RODRIGUES no Hospital Albert Schweitzer, em Realengo: há quase cinco meses à espera de uma cirurgia

Michel Filho

Editoria de Arte

Documento comprova abandono

A falta de pessoal e as precárias condições de trabalho no Hospital Estadual Albert Schweitzer, em Realengo, foram denunciadas numa ação civil pública impetrada pelo Ministério Público, em dezembro de 2001.

PODER JUDICIÁRIO

TERMO DE VISTORIA

médicos. Presente no momento, entretanto, apenas um médico, e alguns enfermeiros. Não se checkou os 7º, 6º e 5º andares, pois desativados. Chegando ao

próprio hospital. Constatou-se a precariedade dos materiais, com doentes crônicos internados por dias e até meses. Alguns parentes presentes reclamavam

O juiz da 10ª Vara de Fazenda Pública, Ricardo Couto de Castro, fez uma vistoria com o Ministério Público e constatou que doentes crônicos ficavam internados durante meses aguardando uma cirurgia. Ele constatou ainda a falta de médicos, enfermeiros e materiais. Na semana da inspeção, as paredes junto a escada foram pintadas. Elas haviam sido pichadas com as iniciais de uma facção criminosa.

Rio de Janeiro, 19 de novembro de 2003.

RICARDO COUTO DE CASTRO
JUIZ DE DIREITO

hospitais, em especial no do Andaraí, contra o qual temos duas ações civis públicas. A lista de espera por uma cirurgia, em março, tinha 1.121 pacientes. Acredito que agora já sejam dois mil — lamentou a promotora.

A situação no Albert Schweitzer também é objeto de uma ação civil pública na 10ª Vara de Fazenda Pública. No dia 19 de novembro do ano passado, o juiz Ricardo Couto de Castro e o Ministério Público fizeram uma vistoria na unidade e constataram que doentes crônicos passavam meses no hospital. Mas as irregularidades não paravam por aí. No termo de vistoria, o juiz observou

que o quinto, o sexto e o sétimo andares estavam desativados.

Sete meses depois, repórteres do GLOBO comprovaram que os andares continuam fechados. Um deles chegou a ser alvo de ladrões, que furtaram peças de alumínio e outros metais, deixando a assinatura de uma facção criminosa na porta cortafogo. Na emergência, na última quinta-feira, havia 42 macas, quase o dobro da capacidade.

Depois da inspeção, foi proposto um termo de ajustamento de conduta, com o objetivo de que o estado faça reformas imediatas no Albert Schweitzer. A promotora Gláucia acredita que a solução pa-

ra acabar com as filas dentro dos hospitais passa pela melhoria na estrutura dos postos de saúde do município:

— Para piorar, assistimos ainda ao desvio de verbas da saúde para projetos sociais. Enquanto na saúde só falta, falta, falta — desabafou.

O superintendente estadual de Saúde, Adelino Simões, não esconde que o Albert Schweitzer tem problemas sérios:

— O Albert Schweitzer é tão ruim que ninguém quis privatizar. Ele não é a melhor coisa do mundo, mas estamos nos esforçando, pois a unidade tem que continuar atendendo e fazendo obras ao

mesmo tempo. O hospital atende a uma área com população de 700 mil pessoas — explicou Adelino.

O superintendente concorda com a promotora, acrescentando que na Zona Oeste há apenas sete postos de saúde, quando o ideal seriam 30. Segundo a presidente do Conselho Regional de Medicina, Márcia Rosa de Araújo, apenas dois deles têm aparelhos de raios X:

— Com a falta dos postos, as emergências dos grandes hospitais ficam superlotadas. Há porta de entrada, mas não de saída. O pior é que as autoridades lavam as mãos, apesar das nossas denúncias — lamentou Márcia. ■